

Conciliação

Economia Brasil

Em raros períodos da experiência republicana o Brasil esteve açoitado por crise econômica tão grave quanto a que enfrenta agora. Não conforta interrogar as relações de causa e efeito para saber que o fenômeno é tangido de fora para dentro, na seqüência das formidáveis turbulências financeiras em curso na maior parte do planeta. À nação cumpre mobilizar e unir suas energias políticas para enfrentar as adversidades. E superá-las.

Acha-se, portanto, fora de contexto o ácido conflito a que estão submetidas as relações do Estado de Minas Gerais com a União. É bem certo que o exaurido Tesouro da República e a penúria das disponibilidades mineiras compõem quadro de inquietação tendente ao confronto. De um lado, o governo federal exige o resgate de débitos pactuados na renegociação anterior da dívida dos estados e de obrigações correlatas. E, de outro, se ergue a inconformidade do governador Itamar Franco, acossado pela lastimável penúria dos cofres públicos.

Aí está a moldura dentro da qual se desenvolvem as divergências. E não fora a necessidade indeclinável de impor ao país regras severas de contenção de despesas e alargamento das bases contributivas da sociedade, talvez fosse possível admitir algumas liberalidades no tratamento do problema.

Não é, porém, a existência de posições conflitantes o que sobressalta o país neste momento de generalizadas apreensões. É a forma de conduzi-las. A maior virtude do regime de franquias democráticas é favore-

cer meios criativos e hábeis para dissolver o contraditório mediante conversações pacíficas. É o que não ocorre, todavia.

O governador Itamar Franco decidiu, em gesto preliminar, suspender o pagamento da dívida estadual contraída com a União por meio do recurso extremo da moratória. Daí por diante, estava estendida a corda da radicalização. Não há possibilidade de converter o dissenso em consenso quando o diálogo é substituído pela intransigência ou posições preconcebidas.

Minas Gerais figura no corpo político da Federação brasileira como a alma da conciliação. Suas lições de generosidade e altivez sem arrogância enriquecem as páginas mais trepidantes da História do Brasil. Cultiva o bom senso com tanta sabedoria que a palavra dos mineiros sempre ecoou com singular autoridade em todos os quadrantes do país. Não se compadece com semelhante postura histórica a decisão precipitada do governador de convocar para aconselhar-se o estado-maior da Polícia Militar.

Quando presidente da República, Itamar Franco exerceu a moderação com exemplar senso prático e manteve fidelidade aos valores mais altos da cultura política das alterosas. São circunstâncias que autorizam acreditar que, ainda uma vez, Minas dará o exemplo de grandeza pela adesão à mesa das discussões civilizadas. E aí encontrar com o presidente Fernando Henrique Cardoso a fórmula para conciliar as posições em conflito. É o que o Brasil deseja e espera. De ambas as partes.